



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

FRANCISCA MARIA DE ARAÚJO SILVA

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA NA ESCOLA.

CAJAZEIRAS - PB

2009

FRANCISCA MARIA DE ARAÚJO SILVA

REFLEXÕES SOBRE A LEITURA NA ESCOLA.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

**CAJAZEIRAS - PB
2009**



5586r Silva, Francisca Maria de Araújo.
Reflexões sobre leitura na escola / Francisca Maria de
Araújo Silva. - Cajazeiras, 2009.
39f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura e escrita. 2. Alfabetização. 3. Prática de
leitura-séries iniciais. 4. Aquisição de escrita. I. Lima,
Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.016:003.28.31

FRANCISCA MARIA DE ARAÚJO SILVA

REFLEXÕES SOBRE LEITURA NA ESCOLA

APROVADA EM: _____ / _____ / _____

Orientadora: Professora Ms. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS-PB

2009

A minha família, em especial aos meus pais que me deram à vida, não basta apenas à gratidão, a eles todo respeito, consideração e dedicação e o mais dos inexplicáveis dos sentimentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, esta força que nos guia em todos os momentos de nossas vidas, obrigado pela coragem de lutar e vencer.

Ao meu esposo, Francisco pelo companheirismo de todas as horas, pela força na hora do desânimo e cansaço. Obrigado mais uma vez, por esse companheiro dedicado e amigo por me apoiar e incentivar para seguir em frente.

Aos meus filhos, Junior, Marcos e Lucas, como também a minha nora Erivânia e a meu neto Ruan, que por muitas vezes faltei com o carinho e dedicação, mas vocês sabiam da minha responsabilidade e sempre torciam por mim.

As minhas amigas que sempre me encorajaram durante essa caminhada na busca dessa conquista e a professora orientadora Janete Lima.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que se concluísse esse trabalho.

“O universo é obra inteligentíssima, obra que transcende a mais genial inteligência humana. E como todo efeito inteligente tem sua causa inteligente, é forçoso inferir que a do universo é superior a toda inteligência das inteligências, a causa das causas, a lei das leis, o princípio dos princípios, a razão das razões, a consciência das consciências, é Deus!”

(EURÍPIDES BARSANUFO)

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

RESUMO

Este texto é parte trabalho monográfico que tem por título: REFLEXÕES SOBRE A LEITURA NA ESCOLA, desenvolvido a partir do estudo realizado ao longo da trajetória acadêmica, especificamente nas disciplinas praticas de ensino. Este estudo objetivou a análise das metodologias e praticas educativas em relação à leitura e escrita, bem como caracterizar a importância da leitura e da escrita nos anos iniciais, buscou-se também identificar as dificuldades encontradas pelos alunos para o desenvolvimento da leitura e escrita. Através das atividades propostas realizamos reflexões junto aos docentes sobre outros níveis de conhecimentos, considerando a leitura e a escrita como um processo contínuo. Neste texto discutimos sobre a importância da leitura para o desenvolvimento da aprendizagem, como subsídio essencial para compreender o mundo e inserirem-se ao mundo da escrita, sobre a importância da intervenção docente no processo de ensino aprendizagem, enfocando reflexões sobre a pratica pedagógica no sentido de ampliar novas formas para melhorar a qualidade do ensino. Abordamos um estudo reflexivo sobre os problemas e as dificuldades de leitura e escrita vivenciadas no cotidiano escolar. Neste contexto realizamos um estudo de caso onde os dados coletados nos permitiram trabalhar na possibilidade melhora a aprendizagem através de atividades diversificadas com mais ações no processo de leitura.

Palavras chave: leitura, escrita, aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I.....	11
REFLEXÕES SOBRE LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS.....	11
1.1 O processo de aquisição da escrita.....	13
1.2 Concepções sobre a prática de leitura.....	17
1.3 O papel do professor.....	20
1.4 Exercício da leitura no contexto escolar.....	21
1.5 Cantinho de leitura.....	23
CAPÍTULO II.....	25
2. Análise dos dados da pesquisa.....	25
2.1 Estudo de caso.....	25
2.2 Análise dos questionários dos professores.....	25
2.3 Análise dos questionários dos alunos.....	27
2.4 Análise do Estágio e Aspectos Metodológicos.....	30
2.5 Caracterização do campo de Estágio.....	30
2.6 Análise da Experiência.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como título Reflexões sobre Leitura na Escola, representa uma pequena parcela de estudos realizados ao longo da nossa trajetória acadêmica, bem como a contribuição no processo educacional. Ele oferece leitura, reflexão, e um olhar crítico da realidade escolar. Situa-se como instrumento de observação da prática cotidiana na escola, na família e na comunidade.

O presente trabalho tenta fazer uma reflexão sobre a importância da leitura para a formação de leitores competentes e conseqüentemente bons escritores. Tentamos refletir sobre a questão do fracasso escolar, onde o eixo das discussões se concebe pela falta de leitura que vivenciamos, inclusive nas instituições de ensino.

Objetivamos com esse estudo analisar o processo de aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita nos anos iniciais, na perspectiva de compreender as dificuldades encontradas no ensino – aprendizagem.

Sabendo-se que a intervenção docente é essencial no processo de ensinar e aprender, percebemos que os professores do 3º ano, normalmente deparam-se, com situações constantes em que o educando tem enormes dificuldades de ler e escrever, nem sempre o professor sabe lidar de forma a solucionar com tranqüilidade e segurança.

Nesse sentido precisamos mais ações no processo de leitura, com mais aprofundamento a respeito de melhorar a aprendizagem, devendo dar ênfase a atividades diversificadas, procurando levar o aluno ao interesse para aprender.

Trabalhar com o tema “leitura” nos possibilitará ampliar novas formas adequadas para melhorar o ensino e a aprendizagem, pois nas escolas encontramos muitas dificuldades nesse processo. Neste contexto realizamos um estudo de caso em uma abordagem qualitativa. De acordo com Gonsalves (2001.p 68) a pesquisa qualitativa “preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno considerando o significado que os outros dão as suas praticas que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”, utilizamos como elemento básico para a coleta de dados questionários com perguntas optativas para alunos e questões abertas para os professores.

Os questionários foram aplicados com cinco professores, sendo duas com formação superior completa e três em processo de graduação e com os alunos de 3º ano da Escola Municipal João Francisco da Silva, do município de Mato Grosso - PB.

Abordamos no presente trabalho, um estudo reflexivo sobre os problemas de aprendizagem e as dificuldades de leitura e escrita encontrada na referida escola, na visão de que a leitura é subsídio, básico para uma boa aprendizagem. Observamos como são abordados os tipos de leitura, pelas quais podemos investigar o nível de desenvolvimento de leitura e escrita dos alunos. Diante dessas discussões para um melhor entendimento sobre esse estudo, o dividimos em três capítulos:

No primeiro capítulo, apresentamos uma abordagem teórica, enfocando reflexões sobre a leitura e escrita tais como: o processo de aquisição da leitura e escrita, concepções sobre a prática de leitura, o papel do professor, cantinho da leitura e o exercício da leitura no contexto escolar.

No segundo capítulo, tratamos da análise dos dados coletados, bem como caracterização do campo de pesquisa. Esse capítulo tem como objetivo, observar a realidade escolar, mostrando seu contexto histórico e suas características sobre o desenvolvimento do processo educacional.

Ainda no segundo capítulo, ressaltamos uma análise geral sobre nossa experiência e nossa prática pedagógica, onde centrou - se em práticas educativas relacionadas especificamente aos problemas de leitura. Por fim, tecemos as conclusões a respeito da temática em questão bem como a responsabilidade do educador no processo de construção do conhecimento.

CAPÍTULO I

REFLEXÕES SOBRE LEITURA E ESCRITA NAS FASES INICIAIS

Para iniciar este trabalho estou me baseando em Ferreiro que aborda que “um dos objetivos sistematicamente ausentes dos programas de alfabetização de crianças é o de compreender as funções da língua escrita” (FERREIRO, 1995, p. 19).

Isso significa que um dos objetivos necessários para alfabetizar, é a compreensão sobre a importância da linguagem escrita, que não consta nos programas de alfabetização. Nesse sentido, a escola deverá considerar esta necessidade e procurar desenvolver uma forma de compreensão sobre a linguagem escrita, ou seja, suas funções essenciais no nosso cotidiano, uma vez que tanto a leitura como a escrita têm um lugar importante na vida das pessoas, nos transmitindo informações e também como uma forma de comunicação.

A língua é um instrumento de comunicação e reflexão que nos acompanha em todos os momentos da nossa vida. Por isso, é importante revelar os usos sociais dessa ferramenta valiosa para o cotidiano. Isso se consegue inserindo o aluno nas várias utilizações da língua na vida diária.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (Língua Portuguesa, 1997, p. 53), “A leitura é um processo dinâmico no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador do sistema de escrita.”.

A leitura tem um poder de transformação social, articulado às experiências e ao ato de adquirir conhecimentos, com uma dimensão abrangente às relações sociais e culturais. É um meio de comunicação entre toda a humanidade, seja no tempo ou no espaço, é através dos livros, revistas, jornais, etc., que compreendemos os acontecimentos do presente e nos relacionamos com o mundo. Sousa (1991, p.5) afirma que:

Entender o mundo das letras, sobretudo, nos centros, é para a criança a possibilidade de começar a utilizar alguns códigos do mundo adulto, bem como de dar significado cocientes às inúmeras grafias com as quais ela se defronta todos os dias.

Isto significa que no início da escolarização a criança começa a ampliar uma aprendizagem mais sistematizada em relação à escrita, surgindo questões, dúvidas a respeito de várias coisas, no entanto ela é capaz de entender de forma mais concreta o mundo que a rodeia.

Baseada na teoria de Piaget, Sousa (1991, p.9.) afirma que “a aprendizagem deve se restringir ao nível em que o individuo se encontra, pois o desequilíbrio interno desse nível que emergirá um novo desequilíbrio referente a um estágio de desenvolvimento”.

Nesse sentido uma boa aprendizagem deve começar a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, de acordo com o desenvolvimento de cada um, em que possam desenvolver suas capacidades intelectuais e assim construir seus próprios conhecimentos. É importante ressaltar que é preciso uma incorporação cultural no que diz respeito aos valores humanos no sentido de compreenderas diferenças individuais, sociais e culturais.

Segundo Sousa (1991, p.12) “a questão fundamental no processo de alfabetização é a compreensão do sistema alfabético enquanto representação da língua, ou seja, não se trata de considerar a escrita como uma representação gráfica dos sons da língua”.

No processo de alfabetização faz-se necessário a compreensão que a escrita não é apenas uma representação simbólica da palavra, mas envolve toda uma linguagem sonora e apropriação do conhecimento.

O ato de ler está relacionado com a escrita, mas é preciso superar uma outra concepção, é que a leitura tem interpretação única, mas o significado constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que já traz para o texto. Freire (1987, p.21) afirma que:

O processo de alfabetização tem, no alfabetizando o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda de o educador anular a sua criatividade na construção da sua linguagem escrita e na leitura desta...

Isso significa que o processo da alfabetização si dá pela integração indispensável do alfabetizando, necessitando da ajuda do educador, mas não implica que se deve excluir do aluno sua criatividade para o desenvolvimento de sua linguagem escrita e assim compreende-la.

Todo indivíduo tem capacidades para aprender, pois necessitamos de orientações para desenvolver esse processo. Nesse sentido é preciso também oferecer condições para que os alunos criem seus próprios textos. Isso só se torna possível se tiverem constituído um amplo repertório de modelos, que lhes permita recriar.

De acordo com Ferreiro (1995, p.9) “tradicionalmente, a alfabetização inicial é considerada em função da relação entre o método utilizado e o estado de “maturidade” ou de prontidão da criança”.

Na teoria tradicional, a idéia é que, o processo inicial de alfabetização se dá em função do método pedagógico e como a criança encontra-se preparada para aprender, sem levar em conta o sistema de representação da linguagem com suas respectivas características e as concepções tanto de quem ensina como de quem aprende têm sobre a língua.

1.1 O processo de aquisição da escrita.

Freire (1996, p.22) ressalta em seu livro “Pedagogia da Autonomia” que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática”. A reflexão crítica é fundamental na prática docente, visto que o educador precisa refletir sobre a sua prática, através de um aprofundamento teórico. No entanto não é possível a prática sem a teoria e a teoria sem prática.

Ferreiro (1995, p.12) afirma que “a invenção da escrita foi um processo histórico de construção de um sistema de representação, não um processo de codificação”. De acordo com essa autora, a aquisição da escrita deve ser entendida como um processo em desenvolvimento de sujeitos que pensam, constrói significado em busca de compreender o sistema de representação da escrita, seu processo de construção.

Ferreiro (1995, p.16) ressalta em seu livro “Reflexões sobre alfabetização” que “os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas”. Entende-se que as garatujas, ou seja, as escritas infantis realizadas espontaneamente são de valiosíssima importância para o processo de alfabetização, considerando que o saber deve ser construído e assim a criança aprende sozinha a construir seu próprio conhecimento.

Alfabetizar é desenvolver no educando a capacidade de extrair a pronúncia e o sentido de uma palavra a partir de sinais gráficos e de codificar graficamente os sons correspondentes a uma palavra, ou seja, a capacidade de ler e escrever. A alfabetização apóia-se obviamente, no conhecimento que o indivíduo já tem da linguagem oral, seja conhecimento de estruturas sintáticas, seja de vocabulários que lhe permitam o tipo de frases às quais está exposto em seu meio lingüístico. Portanto Ferreiro (1999, p.69) diz que:

[...] as crianças não chegam ignorantes à escola, que têm conhecimentos específicos sobre a língua escrita, ainda que não compreendam a natureza do código alfabético e que não são esses conhecimentos (e não as decisões escolares) que determinam o ponto de partida da aprendizagem escolar.

Contudo, o processo de alfabetização, ao menos em sua fase inicial, e crucial, é constituído pela aprendizagem das habilidades e dos mecanismos que permitem, com rapidez e precisão, reconhecer as palavras escritas e produzir a sua forma gráfica. Por isso Lemle (1998, p. 5) afirma que “o momento crucial de toda seqüência escolar é o momento da alfabetização”.

Sendo assim, observa-se a necessidade da escola investigar os anseios dos alunos em relação à escrita, o que eles esperam ao aprender a escrever, para que sejam realizadas adequadamente as atividades da escrita em sala de aula. Só assim faz-se uma aprendizagem motivada. Aprender a ler e escrever deve ser uma tarefa que interesse ao aluno, ou seja, uma tarefa que seja considerada útil à demanda escolar.

No entanto, a escola muitas vezes dificulta o processo de alfabetização da criança, colocando-o como um dos maiores desafios para alcançar o pleno sucesso para a concretização da escolaridade. Ferreiro (1999, p. 17) discorda disso, quando fala que:

De todos os grupos populacionais, as crianças são mais facilmente alfabetizáveis. Elas têm mais tempo disponível para dedicar à alfabetização que qualquer outro grupo de idade e estão em processo contínuo de aprendizagem (dentro e fora do contexto escolar), enquanto os adultos já fixaram formas de ação e de conhecimento dais difíceis de modificar.

Nessa perspectiva, a ação do professor consiste em provocar, colocar o pensamento do educando em movimento, dispor de elementos ou situações que colaborem para o aprendizado, e ainda interagir, acompanhar o percurso da construção do conhecimento. Para tanto é preciso que o professor – educador possua amplo repertório de leitura e

escrita a ser compartilhado com seus alunos no decorrer da prática desse processo, segundo Ferreiro (1999, p. 48) “[...] Os professores lêem pouco, escrevem menos e estão mal alfabetizados para abordar a diversidade de escritas da língua escrita. Na realidade, eles são os produtos das más concepções de alfabetização que foram assimiladas”.

Por isso, é preciso reivindicar uma formação de professores que sejam praticantes de leitura e escrita e capazes de evidenciar perante as crianças o comportamento de leitor e escrevente. É preciso não apenas saber em que direção caminhar, mas também quais são as transformações necessárias para dar o primeiro passo.

É preciso fortalecer e apoiar os educadores, no sentido de serem investigadores criativos e reflexivos em suas práticas e de estabelecerem interações com os educandos nos quais respeitem sua cultura, seus valores e seu processo de aprendizagem de saberem escutar interpretar suas expectativas.

O grande desafio consiste em estabelecer um processo de formação permanente, promovendo aprendizagens relevantes para atuação profissional e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que respondam a um conceito amplo de alfabetização e as demandas educativas desses grupos. Segundo Lemle (1998, p.64):

[...] A burocracia dos programas obrigatórios e da supervisão as impede de pensar no que estão fazendo, de refletir sobre sucessos e falhas, de investigar, de experimentar caminhos, de criar soluções. Estão limitadas a repetir uma rotina estéril, baseada numa ideologia preconceituosa e destrutiva.

Dessa forma, o trabalho dos professores alfabetizadores torna-se limitado quando são impedidos de inovar a sua ação para cumprir com a burocracia dos programas impostos. Cabe ao professor, dá o seu gesto de liberdade cuidando para obter o melhor desempenho em sua sala de aula. Concordamos com Ferreiro (1999, p.70) quando diz:

A escrita é um objeto social, mas a escola transformou-a em um objeto exclusivamente escolar, ocultando ao mesmo tempo suas funções extra escolares, [...] A escola (como instituição) transformou-se em guardiã desse objeto e exige da criança no processo de aprendizagem uma atitude contemplativa frente a este objeto.

Entretanto, as práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada

vez mais centradas e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar no sentido tradicional. Nesse sentido, Ferreiro (1999, p.53) afirma que;

[...] Existe também um sólido pensamento teórico sobre a natureza da alfabetização ao qual estão contribuindo lingüistas, historiadores, antropólogos, psicólogos, sociólogos e educadores. esta nova visão multidisciplinar sobre a alfabetização não permite retornar a uma visão supersimplificada e profundamente equivocada sobre o processo de alfabetização.

Assim sendo, o processo de alfabetização não se restringe apenas a educadores e pedagogos, diversos profissionais entraram nesse desafio que é alfabetização por defenderem que a mesma faz parte de uma nova visão multidisciplinar.

Portanto, é tarefa da educação e da escolarização compensar as diferenças existentes no processo de alfabetização, uma vez que ocorrem aprendizagens diferenciadas numa sala de aula, propiciando a plena alfabetização de todos, pois alguns alunos podem demonstrar dificuldades enormes para conseguir dominar os processos mais simples. Segundo Lemle (1998, p.8) “uma criança que ainda não consiga compreender o que seja uma relação simbólica entre dois objetos não conseguirá aprender a ler”.

É preciso superar a noção de que o foro da alfabetização concentra-se em ler para aprender a ler, em escrever para aprender um sistema de funcionamento da escrita. As praticas de alfabetização deveriam promover a leitura a interpretação e produção de uma diversidade de textos o enfrentamento de variadas situações comunicativas, o reconhecimento de desafios e problemas que se colocam na alfabetização.

A alfabetização implica apontar situações comunicativas, como aquelas nas quais as pessoas lêem, escrevem e falam no mundo social. Desse modo podemos dizer que a leitura e a escrita andam juntas, estão interrelacionadas, isto é uma não se dá sem o domínio da outra.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a relação entre a leitura e a escrita não é mecânica, ou seja, alguém que lê muito não é automaticamente alguém que escreve bem. Precisa-se compreender que existe uma grande possibilidade para isto, pois quem lê muito pode ter maior facilidade de se expressar e fazer uso da escrita. Segundo os PCNS (1997, p.53) “o trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e conseqüentemente a formação de escritores.”.

Nesse sentido compreendemos que o ensino deve ter como meta, formar leitores competentes, capazes de construir conhecimentos para produzir textos coerentes, coesos e adequados onde a relação da leitura com a escrita.

De acordo com Freire (1987p. 12) “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Nesse sentido, é fundamental que o leitor faça uma mediação entre o momento da leitura e suas experiências vividas, tentando compreendê-las, questionando e colocando-as em uma situação crítica visto que o ato de ler não se esgota na decodificação da palavra escrita, mas que se antecipa e se alonga nas relações da humanidade.

Vale ressaltar que o domínio da linguagem escrita é fundamental para uma boa leitura. É uma forma de compreendermos o processo de descoberta sobre o sentido que envolve diversas culturas. Sabemos que ler além de ser uma fonte de prazer é uma maneira de se ter acesso ao pensamento e a experiência do dia-a-dia. Essa bagagem nos proporciona condições para refletir sobre nossa maneira de pensar e entender o mundo. Concordamos com Freire (1987, p.22) quando afirma que [...] “A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

De acordo com este autor o leitor compreende a partir do mundo que habita, ou seja, da maneira como foi construída a sua aprendizagem associada ao contexto cultural. Através dos conhecimentos adquiridos, levando rastro do vivido no momento da leitura o que permite uma compreensão sobre a importância de ler. Ampliar a noção de leitura seria compreender e valorizar o aprendizado, reconhecendo a importância de certos valores menosprezados na sociedade como: generosidade, solidariedade, respeito ao outro, proporcionando alternativas de uma postura crítica a essa realidade.

1.2 Concepções sobre a prática de leitura

A leitura na escola é fundamentalmente um objeto de ensino, para que possa constituir também um objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno. Isso significa trabalhar a diversidade de texto com diferentes formas de leituras em função de diferentes objetivos de gêneros. Formar bons leitores depende não só de uma prática continuada de produções de textos, mas de uma prática constante de leitura.

Nas práticas de ensino uma questão fundamental é compreender a natureza do ato de ler. Dentre as concepções, que orientam a evolução das práticas de leitura, duas formas de conceber o processo de leitura são salientadas: as concepções psicolinguísticas e sociolinguísticas. Segundo a concepção psicolinguística: relação leitor/texto;

A leitura é um processo não linear dinâmico na inter-relação de vários componentes utilizados para o acesso ao sentido do texto. Trata-se de uma atividade produtiva de formulação de hipóteses, para qual o leitor precisa utilizar o seu conhecimento linguístico, conceitual e sua experiência. (SOUSA 1998, p.21).

Isto significa que o leitor ao ler promove uma influência recíproca com o texto, fazendo previsões a partir de conhecimentos dele ou de informações presentes no texto, articulando hipóteses de leitura tentando prever informações. Exemplo claro desta concepção é a leitura através de histórias ilustradas onde o próprio personagem constrói e reconstrói o sentido da palavra ou utiliza-se de informações para preencher ou completar o sentido do texto, formulando hipóteses com base em seus conhecimentos.

Distorções do modelo psicolinguístico de leitura: a falta de socialização dos resultados de pesquisa em leitura tem acarretado inadequações para a prática do ensino de leitura. A primeira delas consiste em ver os erros das leituras (exemplo ao invés de ler a palavra “dedo” ler “dado”).

Essa prática mostra confusão de conceitos, portanto os erros cometidos pelos alunos não são erros, porém tentativas de formulação de hipóteses. A segunda consiste na diferença de que o aluno sabe decifrar e reconhecer palavras escritas, já sabe ler, não importa se ele compreende o sentido ou não. De acordo com a concepção sociopsicolinguística: interação leitor/autor/texto;

O modelo sociopsicolinguístico concebe a leitura de forma mais ampla, como uma atividade que se processa na interação, a distância entre o leitor e o autor através do texto”. Para compreender o texto o leitor utiliza não só o conhecimento de mundo. Ex: leitura das manchetes dos jornais, títulos de textos, de filmes e aceitamos ou não lê-los, pelo que deduzimos que esses títulos nos sugerem, decidindo assim se nos interessa ou não fazer tal leitura(SOUSA, 1998 p.24).

Nesta perspectiva a leitura é entendida como processo interacional que pressupõe a figura do autor presente no texto. Essa presença é chamada pistas que permite ao leitor

reconstruir o caminho do significado feito pelo autor durante a produção do texto, que apresentam uma finalidade: informar, divertir, persuadir, chocar, enganar... Esses textos são, portanto socialmente produzidos para fins e situações específicas na sociedade. A leitura é um dos aspectos mais importantes para a criança como ponto de partida para aquisição de conhecimentos, meios de comunicação e socialização. Se analisarmos a nossa própria leitura, constatamos que a decodificação é apenas um dos procedimentos que se utiliza para ler.

À medida que a criança adquire fluência e velocidade no ato de decodificação, aumenta sua possibilidade de interação com textos mais extensos e complexos. Dessa forma, ela não só vai manipulando com maior desembaraço e código escrito, pelo contato com textos escritos reveladores de diferentes visões da realidade, como também vão refinando e especializando sua forma de expressão. (MARTINS, 1985, p.22-35).

A escola é nosso futuro. E porque não cuidar que esse futuro seja o melhor para todos? Para isso, acreditamos que com respeito e responsabilidade a escola pode ajudar a fortalecer nossa sociedade e construir um mundo melhor. Neste sentido faz-se necessário falar sobre a evasão escolar. Analisar as relações que se estabeleceram entre a leitura e meio escolar.

A permanência dos alunos nos dias de hoje na escola, é um dos grandes problemas, um desafio de todos os envolvidos no processo pedagógico da educação brasileira. Varias são as causas da evasão escolar entre tantas, a falta de acolhimento dos alunos pela escola, a falta de disponibilidade para considerar a adversidade dos alunos, a não valorização de conhecimento do aluno, considerando suas dúvidas e inquietações.

De acordo com os PCNS (Língua Portuguesa, 1997, p. 58) “formar leitores é algo que requer condições favoráveis para a prática de leitura que não se restringe apenas aos recursos materiais disponíveis, pois na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura”.

O texto acima citado mostra que a leitura é condição indispensável para o desenvolvimento crítico da criança, onde existe varias maneiras de incentivo, tais como:

ler jornais, visualizar pinturas e desenhar, etc. levar para a sala de aula os gibis, jogos, teatro de fantoches, tudo isto é muito bom para o desenvolvimento da leitura.

1.3 O papel do professor

O papel do educador é criar oportunidades que permitam e permeiem o desenvolvimento deste processo, pois a aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura, formando esse leitor cada vez mais rico em seu vocabulário.

Considerando a importância do professor no processo de formação do leitor, o mundo complexo da decodificação, o complicado decodificar para compreender o texto, e aí o professor é senão aquele responsável pela eficácia da leitura dos seus educandos preparando-os para enfrentar situações e frustrações, se eles efetivamente ocorrerem.

A leitura exige um processo de interação, pois conforme afirma Martins (1985, p. 23) "ler significa inteirar-se do mundo uma forma de conquistar autonomia de deixar de ler pelos olhos de outrem". Segundo a autora, essa metodologia mecânica e tecnicista pautados na transmissão de conhecimentos prontos e acabado, impossibilita o aluno a compreender a leitura na vida do homem.

Para se tornar um leitor é necessário que se dêem condições para a sedução, porque desenvolver o gosto pela leitura, é propor espaço, preocupar-se com aquilo que o aluno que procurar ou pensar, oferecer possibilidades de pedir e receber ajudar, etc. o processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e extraindo dele o que lhe interessa, comprovando que a leitura é um meio para a realização de aprendizagem.

Considerando o papel dos pais é fundamental na formação de leitores, é claro que, seja qual for à fase de vida de criança, a influência dos pais é definitiva na educação social ou cultural. Não se pode dizer que pais não leitores formaram necessariamente filhos que não se interessam pela leitura, pode haver sedução pelo mundo da leitura em qualquer idade e a formação escolar também tem um papel importante nesse processo.

Dar um livro de presente ao filho não significa necessariamente incentivá-lo a leitura, mas associar o momento da leitura ao momento de prazer. É uma maneira de formar

relação positiva com os livros. Os filhos imitam atividades dos pais. O que rege essas atividades é o desejo de ser parte do mundo que os pais integram. Se a rotina dos pais inclui leitura parecerá para a criança, natural e bom o ato de ler.

1.4 Exercício da leitura no contexto escolar

A reflexão sobre o processo de elaboração do conhecimento pela criança, possibilita-nos perceber que a aquisição da leitura ultrapassa a concepção tradicional de alfabetização que tem como fim ensinar a ler e escrever de forma abstrata, sem significados. Desse modo, varias pesquisas internacionais foram realizadas com o intuito de esclarecer que o processo de aproximação de leitura tem haver necessariamente com a experiência e com a função cognitiva de cada criança.

O espaço social a nosso ver, não é apenas o lócus da elaboração da língua escrita e falada, mas também constituinte desse processo e a função cognitiva passa a ser exercitada no momento em que são promovidas oportunidades para elaborar e reelaborar conhecimentos. É indispensável repensar a leitura e a escrita, como forma de trazer benefícios para a vida do educando tanto no pessoal como na vida social.

No entanto a escola precisa esta preparada para possibilitar aos seus alunos “o uso efetivo da leitura e da escrita nas quais diversas práticas sociais, como por exemplo: ler e compreender notícias de jornais, interpretar mapas, contas de água e luz, ler e escrever cartas, preencher formulários e outros.”

Observa-se, entretanto, que a leitura é conseguida e feita rotineiramente a partir da codificação de signos, pois no caso alfabetizar é ensinar a ler e escrever. Tal concepção é equivocada, pois Marrote (1994, p.49) afirma que ler e escrever, no sentido restrito, ou seja, apenas o de ler e escrever, não se cogita a qualidade, nem a profundidade da leitura, muito menos do papel do futuro cidadão atuando positivamente na sociedade.

Diante dessa questão, preocupados com a qualidade de leitura e da forma em que é trabalhada, torna-se necessário enfatizar não somente o domínio dos códigos lingüísticos, mas também a compreensão que se faz a partir dele, porque é através desta leitura que podemos observar as características individuais dos alunos.

Quando o aluno reproduz um texto, manifesta suas experiências de vida e esta é uma das maneiras pela qual podemos conhecer um pouco mais dos alunos, assim como aproveitar todos os conhecimentos que ele traz do seu ambiente social, pois esses conhecimentos não existem de forma abstrata, como não existe a criança em si, mas a criança inserida num contexto social e cultural que lhe transmite informações, normas, valores com os quais interagem, transformando-a e construindo significados. Marrote (1994, p.51) ressalta que:

Cada leitor traz consigo além de suas características individuais uma vivência e uma atitude de espírito diferente quando lê um texto, ele descobre a intenção ou as intenções e seu autor. Mas o texto também penetra nele e o transforma e se transforma. o resultado dessa interação texto-leitor/leitor-texto é um outro texto recriado pelo leitor diferente do original.

Nesse sentido, a leitura de um texto escrito varia em função da experiência pessoal. Tais experiências dependem das atuações vivenciadas pelas crianças desde o seu nascimento, pois envolve em princípio todas as coerências de buscas e significado que ela experimentou. Reconhecer a socialização da criança desde o seu nascimento é importante, pois nesse momento inicial, anterior ao aparecimento da linguagem há pouca influencia no social.

Dessa forma Piaget apud Silva (1994, p.74), ressalta que “essa inteligência pré-verbal é assim essencialmente uma organização das percepções e dos movimentos do individuo ainda entregue a si mesmo”.

Partindo desse pressuposto, é importante que, ao desenvolver o processo da leitura, sejam propostas atividades baseadas na realidade da criança, de modo que ela se familiarize e elabore textos mais complexos. A criança em seu meio sociocultural se apropria tanto da leitura como códigos escritos que são muito presentes em seu ambiente, como da leitura de mundo ao estar em contato com as transformações sociais e naturais.

Freire ressalta em seu livro “A importância do ato de ler” (1993, p.21), que a leitura é imprescindível, para ele a compreensão a ser alcançada pela leitura crítica, implica na percepção das relações do texto e o meio social. Nesse sentido o professor deve

trabalhar partindo dessa concepção, em que o aluno terá a liberdade de se expressar sua linguagem carregada de significação trazida de sua experiência e não do educador.

Para que o professor desenvolva nos alunos uma leitura eficaz é essencial que ele conceba a leitura como um processo mental que envolve a compreensão das idéias percebidas sua interpretação propondo diversas formas de leitura como: silenciosa, em voz alta para promover a educação da fala, selecionar textos de acordo com a idade e tipo de leitor, observando a necessidade da criança de forma que explore o significado do texto evitando-se com isto a leitura de forma automática, a fim de que estimule o interesse da criança pela leitura.

Ressalta-se também que a estrutura física da escola precisa contribuir para o sucesso do aluno, no momento em que dispõe de biblioteca, possibilitando o acesso permanente a livros, onde os alunos poderão selecionar a leitura que desejarem, juntamente com a realização de atividades que proponham a criação e a produção de texto, a fim de conduzi-la a compreensão da utilidade da leitura e da escrita que são essenciais no cotidiano de qualquer cidadão.

1.5 Cantinho de leitura

O processo de leitura é dinâmico. Dessa forma as aulas de leitura deverão constituir-se em um momento de prazer e não numa tarefa obrigatória ou difícil de ser cumprida. O Cantinho da leitura é um ambiente acolhedor, espaço para atividades de animação acesso aos livros, opções de leitura e vários tipos de textos que interesse ao leitor, pois este é a parte mais importante desta história.

A ligação bastante íntima que estabelecemos durante a leitura, entre a palavra e a imagem é um dos motivos pelos quais as ilustrações ganham espaço no mundo das letras. Levis Carrol (1997 p.13) cita: “pra que serve um livro sem figura nem conversa?”. É claro que há livros muito interessantes sem ilustrações, apesar de que as crianças se interessam muito pelas ilustrações dos livros. A ilustração não tem apenas a função de embelezar o texto, mas ela também dialoga com ele, nem sempre representando o que o outro escreve. Daí a liberdade de imaginação.

Diante das discussões a respeito da aprendizagem, é importante ressaltar que existem fatores que interferem no desenvolvimento da criança, são os biológicos, físicos e sociais. Não se pode diagnosticar que a criança tem dificuldade de aprender somente por não atingir os objetivos do professor. É preciso que se faça uma investigação para saber qual é a causa do problema.

Percebemos que a aprendizagem de leitura é um processo complexo que se desenvolve por meio de diversas práticas, inclusive com a estimulação do ambiente sobre o indivíduo que sofre interferência dos fatores psicológicos e afetivos.

CAPÍTULO II

2. Análise dos dados da pesquisa

2.1 Estudo de caso

Tendo em vista a problemática da leitura e escrita como objeto de discussões e debate, entretanto é visível a persistência destes no cotidiano escolar especificamente nas instituições publicas, este fato nos tem levado a investigar suas causas. A instituição escolhida para realizar-mos o estudo da pesquisa foi a escola Municipal João Francisco da Silva, localizada no sítio Riachão Mato Grosso PB.

Nesse sentido, procuramos colher dados importantes que pudessem servir de elementos básicos para o nosso estudo, para tanto utilizados como instrumentos de coletas de dados, questionários com perguntas optativas para os alunos e questões abertas para os professores.

Este estudo foi realizado numa abordagem qualitativa. De acordo com Pereira (2001, p.68) a pesquisa qualitativa “preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno considerado o significado que os outros dão as suas praticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”.

Sendo assim os questionários foram aplicados com 5 professoras sendo 2 com formação superior completa e 3 em processo de graduação, incluindo os questionários aplicados com, 15 alunos de 3ª ano de ensino fundamental.

2.2 Análise dos questionários dos professores.

Apresentamos neste item os dados coletados dos questionários aplicados com 5 professores de uma escola municipal de ensino fundamental do município de Mato Grosso-PB, as questões foram elaboradas focando o tema leitura e escrita nos anos iniciais. Foram feitas perguntas claras, com a participação de duas professoras com formação superior completa, e três em processo de graduação, incluindo questionários aplicados com 15 alunos do 3ª ano do ensino fundamental. Valendo ressaltar que os questionários foram aplicados com os professores que atuam em sala de aula há muito tempo.

Iniciamos o questionário perguntando como se dá o processo de aquisição de leitura e escrita na sala? Tendo os mesmos afirmados que é através de livros, revistas, quadro negro, jornais, caderno do aluno, vídeo e texto diversificados, incluindo também cartazes, rótulos e brincadeiras.

Ao questionarmos quais os tipos de leitura utilizada em sala de aula? Responderam que utilizavam leituras em quadrinhos, leituras e poemas, fábulas, cantos, músicas, receitas e leitura no livro didático.

De acordo com as respostas das duas questões podemos observar que as atividades estão relacionadas a um processo que permite uma boa aprendizagem da leitura e apropriação do sistema de escrita, visto que possibilitam ao aluno aprender a partir de uma diversidade de textos, nesse sentido os PCNS língua portuguesa (2001, p.30) nos que diz: “cabe, portanto, a escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-lo e interpreta-lo.”. Sendo assim é tarefa do professor viabilizar um trabalho voltando por uma diversidade textual que permita ao aluno sua compreensão e valorização dos diversos usos da linguagem escrita.

Na questão seguinte perguntamos quais as vantagens de trabalhar com textos. Responderam que é muito importante, pois oferece condições para um bom aprendizado, permitindo ao acesso da informação escrita, com as quais o aluno se defronta na vida diária.

Sabemos que a criança diariamente se depara com diversos tipos de escrita, antes mesmo de ingressarem na escola, e assim traz consigo uma bagagem social, com informações desordenadas e até contraditórias. Porém são informações que compõem a linguagem escrita do seu contexto social, concordamos com Martins (1985, p.15) quando diz que “aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal. E temos que valoriza-lo para poder ir além”. De acordo com essa autora, começamos a ler quando damos sentidos a tudo a que está ao nosso redor, quando constituímos uma compreensão coerente das coisas que nos marcam.

Contudo estamos sempre vinculados à idéia de que aprendizagem da leitura e da escrita esta diretamente ligada à aprendizagem escolar. Cabe ao professor perceber e ir além dos seus conhecimentos básicos para assim auxiliar os seus alunos.

E ao perguntarmos como motivar a turma na hora da leitura, os mesmo responderam que trazem para a aula textos ilustrativos formulando hipóteses, discussões e levantamentos de perguntas relacionadas ao texto que vai ler.

Em relação à importância de ser trabalhada a leitura em sala de aula? Responderam que a leitura deve ser trabalhada diariamente, ressaltando que a aprendizagem deve ser fundamentada a traves da leitura. Assim de acordo com os PCNS (2001, p.53).

[...]. A possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na pratica de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fontes de referencias modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria prima para a escrita.

Sabendo-se que a leitura e a escrita são atividades complementares, o trabalho com a leitura tem como objetivo a formação de leitores competentes e bons escritores, o que se constitui mediante uma pratica de leitura.

Fazendo uma analise geral em relação aos dados obtidos nas respostas dos docentes, percebe-se que os mesmos almejam um só objetivo, melhorar a qualidade de ensino e aprendizagem, visto que se preocupam em trabalhar os conhecimentos através de atividades de leitura, trabalhando com textos diversificados procurando despertar no aluno o interesse pela leitura.

2.3 Análise dos questionários dos alunos

Descrevemos aqui o nosso entendimento relacionado aos dados obtidos das questões aplicadas com quinze alunos do 3º ano da escola Municipal de Ensino Fundamental do Município de Mato Grosso - PB.

Os questionários foram aplicados com questões fechadas totalizando 10 perguntas, tendo como tema principal o processo de desenvolvimento da leitura e escrita, onde a primeira pergunta foi feita se os alunos realmente gostam de ler? Do total apenas 4 responderam que não, e os demais responderam que sim, alguns ressaltaram que ainda não sabem ler corretamente, mais gostam de ouvir leitura, e ler pequenos textos junto com a professora. Diante dessas questões percebemos que os alunos têm acesso à leitura mesmo antes de saber ler, nesse sentido os PCNS língua portuguesa (1997, p.56) nos dizem que:

[...]. É preciso agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender. Entre a condição de destinatário de textos escrito e a falta de habilidade temporária para ler outro momento é que reside a possibilidade de com a ajuda dos já leitores aprender a ler pela prática da leitura.

No que diz respeito a 2ª questão quais são os tipos de leituras que eles mais gostam, 5 marcaram a alternativa leitura em quadrinhos, 4 responderam fábulas e o restante marcaram leituras de poemas, percebendo-se que a leitura trabalhada em sala de aula envolve uma diversidade textual.

A 3ª questão foi quem mais lê incentivava a ler? 10 responderam a professora, 3 marcaram que era a irmã 2 afirmaram a mãe, ressaltando que ela ajuda bastante no incentivo da leitura e escrita.

A 4ª questão diz respeito aonde eles gostam de ler? Onde se 5 alunos responderam em todos os lugares e o restante responderam na escola, percebendo-se que o hábito da leitura, e praticando mais na escola, onde os professores são os principais incentivadores, e as famílias deixam a responsabilidade na maioria para a escola, acreditando que esta é a única responsável pela aprendizagem.

Nesse sentido lembramos Paulo Freire apud Martins (1985, p. 36) quando diz que: “ninguém educa ninguém como tão pouco ninguém se educa em si mesmo; os homens se educam em comunhão mediados pelo mundo”.

Podemos compreender que aprendemos a ler apesar dos professores, mas a participação da família é fundamental, pois o aprendizado se dá na convivência com os outros, e com o mundo, temos condições de fazer algumas coisas sozinhos e necessitamos de alguma orientação.

Na 5ª questão perguntamos se a leitura é importante em sala de aula todos os dias? Todos afirmaram que sim, notando-se que a leitura ocupa um espaço considerável em sala de aula. Na questão seguinte perguntamos quais os tipos de texto que mais gostam? Responderam todos os tipos de textos.

Na sétima questão perguntamos se eles gostam de produzir textos, 5 alunos marcaram sim e o restante não, afirmando que acham melhor pintar o desenho.

Diante dessas questões podemos observar que o trabalho com textos diz respeito apenas a prática de leitura, não levando os alunos a produzir, visto que essa deve ser uma atividade necessária, pois de acordo com os PCNS. (1997, p. 58) “quando se pretende formar escritores competentes é preciso também oferecer condições de os alunos criarem seus próprios textos e de avaliarem o percurso criador.” Para isso, é importante que se valorize a capacidade criativa dos alunos, precisa-se compreender que alfabetizar envolve saber utilizar a língua escrita em várias situações, lendo e produzindo.

Ao perguntamos quais os materiais para uma leitura bem motivada, as respostas foram bem variadas, afirmaram - se que gostavam de vídeos, revistas, rótulos, jogos e cartazes. A questão seguinte questionamos o que lhe chama mais atenção na hora da leitura, 8 responderam a maneira como o professor introduz o texto, e 3 marcaram a alternativa, as gravuras encontradas no texto. E o restante a forma como está escrito o texto.

Na última pergunta feita, foi se com a construção do cantinho da leitura favoreceu para melhorar a aprendizagem, todos responderam que sim. Percebemos diante das respostas dos alunos que os professores realizam estratégias para que os alunos experimentem e ampliem suas formas de expressão, utilizando materiais promovendo situações comunicativas que possibilitam ao educando a ampliação de seus conhecimentos já adquiridos.

Tomando como base a linguagem escrita, é importante destacar que vivemos numa sociedade letrada, mesmo os jovens e adultos que nunca passaram pela escola tem conhecimentos sobre a escrita. Muitos conhecem algumas letras e sabem assinar o seu nome. Todos já se defrontam com a necessidade de identificar placas, lidar com receitas ou encontrar preços de mercadorias. Na escola, o professor deve criar situações em que os educandos exponham e reconheçam aquilo que já sabem sobre a escrita.

Muitas vezes, as práticas da língua escrita utilizados no contexto escolar deixam os alunos de fora, pois é criado pelo adulto como uma fórmula única, onde o conhecimento pertence somente a ele. Isso cria na criança a convicção de que o conhecimento é logo que só pertence aos outros. Nesse sentido Ferreiro (1995 p.30) nos chama atenção quando diz que: “há práticas que levam a criança à convicção de que o conhecimento é algo que os outros passam e que só pode obter da boca dos outros, sem nunca ser participante na construção do conhecimento”.

Percebemos ainda que as crianças não compreendem o nosso sistema de escrita, pois constroem suas próprias escritas. Ainda sobre o assunto Ferreiro (1995, p. 18) reforça que “o modelo tradicional de se considerar a escrita infantil, consiste em prestar atenção apenas nos aspectos gráficos dessas produções ignorando os aspectos construtivos”.

Isto quer dizer que a aparência gráfica não significa uma boa aprendizagem, pois aprender não significa escrever graficamente bem ou aprender a ler as palavras, mais a interpretá-las construindo um significado coerente.

2.4. Análise do Estágio e Aspectos Metodológicos

Diante de uma série de culpabilização, que em grande parte da literatura faz recair sobre o professor e a professora as causas das dificuldades educacionais, a incerteza de alguns faz com que seja necessário pensar também, até que ponto a família, o aluno e a sociedade são responsáveis pelos não saberes na escola. Este trabalho teve como objetivo, proporcionar aos alunos de 3º ano, estratégias que levassem ao desenvolvimento e a aprendizagem da leitura e escrita, bem como o desenvolvimento da oralidade.

Nesse sentido é importante que se realize um estudo de campo que possa investigar não só os fatores acima citados, mas também as práticas educativas dos professores, bem como sua articulação com o contexto e com o coletivo, haja vistas que estas até então, não tem dado conta da função social da escola, focando em cada indivíduo as suas especificidades.

Essa consciência nos levou a realizar durante o curso, especificamente na prática de ensino e estágio supervisionado uma observação mais apurada sobre a realidade escolar. Isto nos levou a desenvolver um trabalho de estágio tomando por base as dificuldades da aprendizagem da leitura, dos alunos 3º ano da Escola Municipal João Francisco da Silva, localizada no Sítio Riachão das Pedras, no município de Mato Grosso – PB.

2.5. Caracterização do campo de Estágio

O referido estágio foi realizado no período de Setembro a Outubro de 2009, com 15 (quinze) alunos do 3º ano do ensino fundamental, com faixa etária de 07 (sete) a 08

(oito) anos, na Escola de ensino fundamental do Sítio Riachão das Pedras, em Mato Grosso – PB.

A escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno atendendo um número de 84 (oitenta e quatro alunos), divididos na educação infantil e no ensino fundamental do 1º (primeiro) ao 5º (quinto) anos, dispondo de 04 (quatro) professoras. A escola apresenta boas condições de funcionamento, a sala onde foi vivenciado o estágio é arejada e bem dimensionada; os materiais utilizados pelas professoras facilitam a aprendizagem dos alunos e há uma organização na exposição de cartazes, fichas e atividades feitas pelos alunos.

Existe na sala o “Cantinho da Leitura” e é um dos lugares preferidos da turma. Estes dados foram coletados durante o curso, com mais intensidade no período de estudo da disciplina Prática de Ensino, a partir dos dados coletados foram analisadas as questões mais relevantes direcionadas à prática educativa do professor, especificamente no que diz respeito às dificuldades da leitura da referida escola.

2.6. Análise da Experiência

Como já foi enfatizado anteriormente, visando proporcionar uma boa aprendizagem da leitura e escrita, levando os alunos a desenvolver as capacidades de se expressar oralmente, desenvolvemos nosso trabalho de campo, cuja seqüência didática e respectiva análise detalharemos a seguir.

Iniciamos nosso estágio em Setembro de 2009, com uma turma de 15 (quinze) alunos de 3º ano, onde fui muito bem recebida. A professora fez comentários sobre a realização do meu trabalho, os alunos mostraram-se curiosos e bastantes satisfeitos, pois já sou conhecida por todos.

Logo após os comentários iniciamos a aula com a apresentação de um cartaz com a letra da música “O Pato”; os alunos mostraram-se bastante interessados durante a leitura e a discussão. Após a exploração do tema e as discussões sobre o texto ouvimos a melodia da música, a qual todos ouviram com bastante atenção.

No segundo dia trabalhamos com o texto “A Casa” de Vinícius de Moraes com os objetivos de desenvolver a oralidade e a atenção da turma. Para isto discutimos o texto

juntamente com todos os alunos, tendo antes feito à leitura da letra, ouvido e cantando a melodia. Percebemos que a referida aula foi muito proveitosa para os alunos.

No terceiro dia optamos pela exibição do DVD – Meu Pintinho Amarelinho. Esta atividade nos proporcionou trabalhar a participação, observação do aluno, além da sua capacidade de interpretar texto. Também foi distribuído um texto enigmático com a letra da música já citada e exercícios xerocados de interpretação textual, trocando os desenhos por palavras do texto. Todos comentaram o texto com válidas interferências e inferências nos exercícios. Falaram sobre animais de estimação e outros tipos de animais que eles conhecem, seja através das gravuras dos livros ou por meio de programas de TV o que nos faz lembrar o que diz os PCNs Língua Portuguesa (2001,p.55) “É preciso que antecipem, que façam interferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem...”

No quarto dia iniciamos a aula com uma atividade em grupo, onde cada um dos grupos confeccionou um fantoche representando um animal; Para isto utilizamos sucatas, tais como: papel, tecidos, restos de lã, etc. Depois cada grupo foi criando uma parte da história e o professor como escriba até que foi construído um pequeno texto. Foi um trabalho muito interessante, pois é muito importante trabalhar as produções textuais com os alunos em processo de alfabetização, dando oportunidades para as crianças criarem seus próprios textos e falarem sobre seus próprios conhecimentos.

No quinto dia trabalhamos com gravuras e colagens, tendo como tema “a família”. Aproveitamos para falar com as crianças sobre as diferentes constituições de famílias e estruturas econômicas, pois apesar deles serem ainda pequenos, é necessário que tenham consciência das diferenças que existem na vida de cada família, além de ser uma ótima oportunidade para conhecermos melhor o meio em que vive cada aluno.

Segundo Martins, (1985, p.34) “A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta”.

Neste mesmo dia apresentamos aos alunos um cartaz com um modelo de família e exploramos mais uma vez o tema, procurando usar a interdisciplinaridade durante todas

as outras aulas que se seguiram na semana. Em síntese na primeira semana de aula enfatizamos bastante a questão da linguagem oral, a partir de atividades realizadas na sala de aula, com orientações que permitem desenvolver as habilidades de falar, ouvir e respeitar a vez do outro, com apresentação de poemas, músicas, histórias infantis e discussões, havendo então uma interação muito grande na turma.

A segunda semana também foi bastante atrativa e participativa, com muitas discussões, construções de textos a partir de histórias, desenhos, dinâmicas, apresentação de CDs e gravuras. Em suma a segunda semana também incentivou e motivou os alunos em relação à oralidade.

Sobre textos, percebemos que as crianças têm bastantes dificuldades na produção escrita; durante a leitura e a interpretação, detêm-se apenas nos desenhos, observando-os e muitas vezes até mesmo pintando-os para mostrar para os colegas, sendo válido salientar que esta perspectiva está embasada na teoria construtivista, contrapondo-se às atividades mecânicas e rotineiras, as quais se tornam apenas tarefas.

Ao longo do nosso trabalho apresentamos diversas atividades de leitura, como já foi dito anteriormente. Utilizamos os gêneros da música, os jograis, as HQ (Histórias em Quadrinhos), apresentações de fichas, imagens, rótulos, brincadeiras, enfim, trabalhamos a diversidade de gêneros textuais, os quais visam favorecer um bom desenvolvimento da leitura e a apropriação do desenvolvimento da escrita.

As aulas ministradas durante a realização do estágio foram muito interessantes e de grande proveito e o resultado obtido foi satisfatório. Chegamos à conclusão de que os assuntos tratados despertaram o interesse dos alunos e conseqüentemente uma boa aprendizagem, visto que é tarefa de nós, educadores, nos empenharmos na busca constante de práticas educativas inovadoras e criativas para a resolução desta problemática.

É importante ressaltar que o educador deve oferecer oportunidades que permitam o desenvolvimento desse processo, onde, a aprendizagem está fundamentada na prática da leitura. Podemos ainda perceber que aprendizagem se dá no processo de produzir, de levantar dúvidas, de pesquisar e de criar novos horizontes, novas descobertas para a compreensão e a construção dos conhecimentos.

Outro aspecto importante, nos tempos atuais é que o ensino da linguagem oral e escrita vem assumindo uma importância crescente, uma vez que vivemos em um mundo onde, a capacidade de verbalizar idéias e opiniões com desenvoltura e clareza faz-se necessário, por isto, o trabalho do professor deve estar voltado não só para a escrita, mas, também para o uso da oralidade desde o início da escolarização.

Percebemos ainda a importância da mediação pedagógica, quando o professor precisa acompanhar o processo de aprendizagem do aluno, observando seu universo cognitivo e afetivo, envolvendo o aspecto cultural ao qual ele pertence, sendo este o seu contexto de vida.

As questões de ensinar e aprender, nos dias atuais nos remete a compreensão de uma das características do mundo contemporâneo, isto é, um mundo globalizado que defende a massificação e homogeneidade de pensamentos e idéias e que, a nosso ver, teremos que nos contrapor a esse modelo, principalmente na necessidade de reconhecermos o ensino como o eixo epistemológico o trabalho interdisciplinar, no sentido de “distinguir para unir” (MORIN, 1985, p.33).

E nesta perspectiva da interdisciplinaridade da prática com a psicologia da aprendizagem que direcionamos o nosso olhar para o entendimento de que a prática pedagógica encontra explicações e orientação para os fenômenos da aprendizagem.

Nesse sentido, podemos nos apoiar em Japiassu (1976, p. 32) quando explica que o sentido e significados práticos da interdisciplinaridade estão na “convergência de varias disciplina com vistas à resolução de um problema cujo enfoque teórico esta, de algum modo ligado ao da ação ou da decisão”.

Com essa compreensão no campo de ensino poderemos vislumbrar a interação do ponto de vista da aprendizagem dos conteúdos entra a pratica a psicologia da aprendizagem quando em sala de aula, podemos identificar primeiro, nossa atitude de trabalhar, de pensar, fazer e possibilitar a aprendizagem dos alunos, ou seja, a ação do professor em dialoga com as teorias da aprendizagem, para o pensar e refazer nas práticas pedagógicas.

Então, a partir do momento que o professor consegue compreender a contribuição que uma ou mais disciplinas pode dar na direção de melhor explicar e orientar a ação docente, não no sentido de domínio de técnicas objetivas, mas no intuito de encontrar novas significações é na inquietude de novas perguntas. Nesse estado permanente de inquietação, nos perguntamos: como compreendemos a interdisciplinaridade? Será que fazemos interdisciplinaridade em sala de aula? Ao sabermos da polissemia sobre o termo interdisciplinaridade, tomamos como referência o que nos diz Japiassu (1991, p.136):

A interdisciplinaridade é um método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si, esta interação pode ir da simples comunicação das idéias até a interação mútua dos conceitos da epistemologia, da metodologia dos procedimentos dos dados e da organização da pesquisa.

Essa interação de duas ou mais disciplinas proposta por Japiassu (1991) nos possibilita compreendermos que a interdisciplinaridade não permite uma desvalorização das disciplinas e do conhecimento produzido por elas, porém, enfatiza a importância em articular os conhecimentos informações, de forma que possamos formar redes de conhecimentos que interligam no processo de circularidade como assim nos explica Morin (1985, p.39).

[...] O problema não está em que cada uma perca a sua competência. Está em que a desenvolva o suficiente para articular com as outras competências (disciplina de conhecimentos) que, ligadas em cadeia formariam o anel completo e dinâmico, o anel do conhecimento.

Nesse processo contínuo e interminável, e diálogo entre as disciplinas, vislumbramos a possibilidade da prática interdisciplinar no contexto da sala de aula quando interagimos teoria e prática, conteúdo e realidade, objetividade e subjetividade, e ensino e avaliação, meios e fins, tempo e espaço, professor e aluno, reflexão e ação: e outros elementos que interferem no processo de ensino aprendizagem.

Nesse sentido, a prática interdisciplinar não se trata de se juntar disciplinas em torno de um tema dizemos, verdadeiramente que ela só existe quando se trata de um diálogo em que as diferenças e especificidades disciplinares não percam suas competências.

Entendemos assim que a interdisciplinaridade é realizada na prática, como um processo, contínuo que deve ser permanentemente buscado, pois não é apenas uma proposta teórica, mas, sobretudo uma prática.

Como a conclusão do estágio ficou a certeza de ter enriquecido meus conhecimentos no que se concerne a experiência da prática pedagógica vivenciamos a realidade que envolve o ato de ler e escrever. Ficou evidente que a maioria apresenta uma escrita não interpretável e uma leitura indefinida com características que envolvem a problemática em processo.

Portanto analisa-se que para se chegar a um conhecimento mais profundo, chegando a construir o ensino em algo produtivo, não só partirá do aluno em compreender o conteúdo dado, mas também do educador em está preparado para trabalhar com as dificuldades encontradas no meio escolar, onde ambos estarão em processo de constante aprendizado através da interação professor e aluno possibilitando uma educação de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a leitura é condição essencial para que se possa compreender o mundo, os outros, as próprias experiências e a necessidade de inserir-se no mundo da escrita, torna-se indispensável refletir sobre a nossa prática pedagógica, de forma que possa desenvolver no aluno habilidades lingüísticas para que possa também ir além da simples decodificação de palavras. É preciso proporcioná-los experiências de leitura que o levem não só assimilar o que o texto diz, mas também como e para quem diz.

As considerações feitas pretendem discutir sobre a leitura e sua relevância na formação de leitores, bem como suas várias dimensões relativa ao processo de ensino e aprendizagem. Ao longo do estudo podemos refletir sobre a importância da leitura no sentido amplo, como fundamental a nossa vida, contribuindo para o desenvolvimento do ser humano, em todos os aspectos necessários para formação de indivíduos conscientes de seus direitos e deveres na sociedade.

Vale ressaltar que realizamos um trabalho na perspectiva de compreender as dificuldades encontradas no processo de aquisição da leitura e escrita, constatando-se que essas envolvem alguns fatores que interferem na aprendizagem, os quais estão inseridos no contexto social, e que precisa ser trabalhado de forma contextualizada, permitindo-nos conhecer melhor a realidade do aluno no seu cotidiano, garantindo, melhores condições de transformações positivas no ensino.

Compreendemos que o objetivo do ensino é a formação de leitores competentes capazes de interpretar e construir textos coerentes, isto se concerne na prática da leitura, onde esta se torna a matéria prima para construção do conhecimento.

Refletimos sobre a prática pedagógica e a educação, sobre nossa postura como educador, não se tornando, um mediador de repassar conteúdos, mas que permita-nos contribuir na formação de sujeitos críticos. A intenção é realizar uma reflexão quanto o presente e o futuro da educação que possa trazer grandes benefícios para a humanidade.

Sabe-se que educar é uma tarefa difícil, a qual requer muita competência do educador em ter todo cuidado para que não venha trazer prejuízos futuros, pois através da sua dedicação, faz com que não só a educação transformar-se em algo produtivo mais também como meio de um mundo melhor.

Na visão de que é função primordial da escola ensinar a ler e essencialmente ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita, cabe formalmente à escola desenvolver as relações entre leitura e indivíduo em todas as suas interfases.

A escola pode e deve trabalhar desde os anos iniciais com texto de linguagem variadas e evidentemente com texto da literatura que criam à possibilidade de um indivíduo explorar dimensões usuais do imaginário coletivo e pessoal.

Através do estudo, podemos compreender que crianças de series iniciais podem ir desenvolvendo, desde cedo, seu gesto de leitura e escrita, gestos que não se separam nessa fase. E tal trabalho só irá ocorrer se houver participação e presença continua do professor, que deverá atuar também como um mediador e para isto o professor precisa ser antes de tudo um leitor. Um professor que não leia, já mais trabalhará bem com a leitura. Ele precisa gostar de ler e fazer com que os pequenos leiam.

Nessa perspectiva abordamos como uma das propostas do trabalho observações a respeito do trabalho em sala de aula. Esta proposta nos proporcionou compreender uma síntese de concepção essencial aos processos de leitura e escrita e de capacidades que devem ser atingidas na fase da escolarização inicial, evidenciando a complexidade das ações e estratégias relacionadas à aprendizagem dos alunos e o processo de ensino.

Considerando as exigências crescentes para a melhoria da qualidade do ensino, refletimos sobre a pratica, realizando um trabalho de campo na perspectiva de proporcionar o desenvolvimento e aprendizado da leitura e escrita e podemos compreender a importância da pratica pedagógica pela forma como realizamos as atividades no dia-dia, em que nos levou a uma observação mais apurada sobre a realidade escolar.

Vimos ainda que possa ser por meio do desempenho que efetivamos intenções de mudança, podemos, como primeiro passo, alterar e reorganizar a prática e demonstrar os valores princípios que norteiam as ações pedagógicas com os alunos em sala de aula.

Na intenção de realizar uma reflexão sobre os processos educativos no sentido de proporcionar o desenvolvimento da leitura e escrita, deve-se refletir sobre a linguagem e sobre as praticas sociais de produção e compreensão de textos orais e escritos. Com

certeza essas sugestões nos poderão ajudar a ampliar dinamizar pratica pedagógica, favorecendo o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita.

Ficou evidente que para a construção de uma boa aprendizagem, não partirá apenas do aluno, mas da intenção e dedicação do educador, bem como suas articulações com meio social a qual o indivíduo está inserido.

Acreditamos que ao termino de trabalho podemos contribuir para ampliar a discussão acerca de um importante tema relacionado às questões educacionais, produzindo conhecimentos sobre a criança e a escola, considerando que o verdadeiro resultado deste, depende do desempenho e dedicação na nossa prática do dia-a-dia em sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC, 2001.
- CARROL, Lewis. **Alice no país das maravilhas.** São Paulo: Ática 1997.
- FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras.** Tradução e cotejo de texto – Sandra Trabusco Valenzuela – 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1999. (atualidade em educação)
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização.** Tradução Horácio Gonçalves (et al). 24ª ed.atualizada. São Paulo: Cortez, 1995(Questões da Nossa Época)
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 18º ed. São Paulo: Cortez, 1987. (Autores associados)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: PAZ e terra, 1996, (coleção leitura).
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre a iniciação à pesquisa científica/Elisa Pereira Gonçalves.** Campinas - SP: Editora Alínea, 2001.p.69.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador.** 13ª ed. São Paulo. Editora Ática, 1998.
- MARROTE, João Teodoro D. **Olem Didática da língua portuguesa.** 6ªed. São Paulo: Ática, 1994.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade.** Lisboa – Europa – América, 1985.
- SILVA, Maria A. S. Sousa. **Construindo a leitura e a escrita.** 3ª ed. 1991.
- SILVA, Maria Alice Setúbal Sousa. **Conquista o mundo da escrita: o contexto social e escolar no processo de aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1994.
- SOUSA, Ana Cristina et al. **Processo de leitura e escrita na 1ª série.** João Pessoa, UEPB/FUNAPE/SEC – PB. PROJETO NORDESTE, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA